

DOSSIÊ ENSINO DE SOCIOLOGIA

O professor e o sociólogo: reflexões sobre a ação do cientista social em sala de aula

Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de Senna¹

RESUMO

Os profissionais da área de Ciências Sociais têm, em sua formação, a chave de uma grande questão para a Sociologia no Brasil: o ensino dessa disciplina na Educação Básica. Tendo como base o conceito de *habitus* do sociólogo Pierre Bourdieu e da discussão sobre o *olhar*, *ouvir* e *escrever* do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, procuro elaborar uma reflexão sobre a formação e atuação do professor de sociologia no Ensino Médio contrapondo com a finalidade dessa disciplina proposta pela LDB nº 9.394/96.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ensino Médio. Didática. *Habitus*. Sociologia.

THE TEACHER AND THE SOCIOLOGIST: REFLECTIONS ON THE ROLE OF A SOCIAL SCIENTIST IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

The professionals of Social Sciences have in their formation the key to an enormous question for Sociology in Brazil: the teaching of the discipline as a Basic Education subject. Based on the concept of Pierre Bourdieu's habitus and on the discussion about the concepts of glancing, listening and writing by the anthropologist Roberto Cardoso de Oliveira, I try to develop a reflection on the formation and the role of a teacher of Sociology in High School contrasting with the purpose of this discipline as proposed by LDB No. 9.394/96.

KEYWORDS: Education. School. Teaching. Habitus. Sociology

1. Introdução

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) diz que a Sociologia é uma ciência que perturba. Este artigo é resultado de reflexões que vêm perturbando a minha consciência – especificamente desde que tive uma experiência como professora de sociologia no Ensino Médio, ainda recém formada.

Ao ver o texto de Amaury Cesar Moraes (2007), intitulado “O que devemos aprender para ensinar Ciências Sociais?”, pensei se ele pudesse responder às minhas angústias. Dei-me conta de que, ao contrário do que eu esperava, surgiram mais. A Sociologia não resolve nossas angústias, ela apenas acrescenta questões às que já existem.

¹ Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Assim, a Sociologia no Ensino Médio é uma forma de despertar questionamentos nos alunos a partir dos questionamentos do professor de Sociologia. Aquilo que o cidadão, que depende do transporte público, da saúde pública, da escola pública. Aquela perturbação contínua com a dificuldade do emprego, com o salário mínimo que não resolve o mínimo da nossa vida. Os questionamentos recorrentes: por que as coisas são assim? Por que na Europa tudo parece diferente? Seria realmente diferente?

O professor de Sociologia do Ensino Médio, antes de ser o 'salvador da pátria' que vai fazer daquele aluno alguém consciente dos seus deveres ou do seu lugar no mundo, vai inserir mais perturbações naquele que já é chamado de cidadão – porque tem o seu registro num cartório civil. Pois, como afirma Ana Laudelina Ferreira Gomes (2007), o processo ensino-aprendizagem, em qualquer nível, implica em uma atitude investigativa, tanto da parte do professor quanto da parte do aluno.

Assim, o aluno que pensava apenas no pouco ganho pelo seu pai, vai passar a pensar no salário do brasileiro; quando antes pensava que a sua escola era ruim, vai pensar na escola ruim de milhões de brasileiros. O aluno que via na escola uma perda de tempo, vai parar pra pensar no real motivo de estar lá.

2. O conceito de *Habitus* e o *Habitus Científico*

Desejo lembrar o que Bourdieu (1989) chama de *objetivação participante*. Diz respeito a algo que considero uma desmistificação dos simbolismos prescritos na academia, ou seja, dos interesses estabelecidos da academia/professor/pesquisador. Mas, o desafio consiste em tirar de si tais representações, pois, são consequência da vida no meio universitário e do fixionismo dos objetivistas em dar aspecto objetivo e de neutralidade absoluta às teorias e às pesquisas; como se fosse possível uma total neutralidade do pesquisador. A disputa entre teóricos (que inclui o pesquisador) por se sobressair uns sobre os outros, se torna em um embaraço para o pensamento científico.

O *Habitus* vem justamente nessa situação: o pesquisador tem um interesse pelo objeto, mas, seu interesse se constitui o *objeto*. Rompendo com o embaraço imposto (que foi dito) e consciente de ser ele próprio um 'corpo socializado', com seu '*quantum* social' original, seu 'capital social', seu *Habitus*, consequentemente envolvido na teia da sociedade e na do *Habitus* científico; o pesquisador consciente, buscando uma ruptura com toda essa trama por ser resultado do meio social como os outros indivíduos, deverá entender e clarear os verdadeiros motivos que o levaram à escolha do que ele considera seu objeto de pesquisa.

É assim o que entendo o que Bourdieu chama de 'sociologia da sociologia – e do sociólogo', uma busca pelo real, pelo verdadeiro objeto, entendendo os interesses e possibilidades de pré-noções ali implícitas. Sendo o *Habitus* um

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade de projeção consciente desse fim ou do domínio das operações para atingi-lo... (ORTIZ, p.16, 1983).

A isso me referi, quando disse que as características do 'corpo socializado' deveriam ser objeto de ruptura do pesquisador. Mas, o que Bourdieu afirma é que não existe neutralidade na escolha de um objeto de pesquisa e nas ações do pesquisador. Por quê? Devido ao *Habitus*, ele define seu objeto a partir de suas pré-noções, pré-concepções, do seu 'eu' estruturado; posto que ele diz respeito à formação do indivíduo como tal, incluindo seu modo de perceber e visualizar o que está ao seu redor. O que despertou seu interesse e o que o fez com que isso acontecesse, já estava predisposto, ou, previamente estabelecido.

Diante dessa problemática, Bourdieu propõe o que chama de 'pensamento praxiológico', uma forma de articular o agente social e estrutura social; trata-se de uma tentativa de superar o objetivismo, mas mantendo-o. O que tem isso a ver com a questão anterior? O pesquisador é uma 'estrutura estruturada' e é 'estrutura estruturante', ele é produzido e reproduz. Nessa tentativa dialética ele poderá fazer a 'sociologia da sociologia – e do sociólogo', colocando em evidência as suas questões de pesquisa, suas teorias e suas pré-noções, incorporadas pelo seu *Habitus* 'predefinido' (ou, de seu meio, que seria repassado a ele) e o *Habitus científico* adquirido no meio acadêmico.

Então, é nessa situação que deverá o pesquisador, estudar o processo de formação do *Habitus*. Esse conhecimento seria ferramenta para essa empresa, ou seja, refletir sobre sua atitude enquanto pesquisador, e como veremos mais adiante, como professor.

A reflexão do professor, parte da compreensão deste ponto específico, ou seja, além do *Habitus* 'predefinido' tem também o *Habitus científico* adquirido; o que pressupõe agora dois campos de lutas: o primeiro, com relação ao 'meio social' original do pesquisador e o 'meio científico'. O primeiro, levamos em consideração, mas, não que exista de sua parte uma tentativa de sobressair-se no campo científico, mas, como possibilidade de observação das práticas. Fica o pesquisador entre este e aquele, com suas concepções primeiras e derradeiras, emitindo espectros de verdade e

definições contrárias, como relações de poder. Mas, só nos casos que se referem às categorias de percepção e apreensão do mundo, e os processos de 'interação social'.

É um conceito que parece fechar as possibilidades de mudança, mas não é bem assim. O *habitus* adquirido no início da vida torna-se um ponto de partida. O que vem depois é analisado a partir desse prisma, mas a cada aquisição de conhecimento, a cada experiência, esse prisma se renova. Não se trata de sobreposição, mas de uma fusão.

Os esquemas de classificação interiorizados pelo indivíduo é que orientam sua ação e suas escolhas dentro do *campo*, ou dos campos. Este é mais um conceito:

O campo de produção simbólica é um microcosmo de luta simbólica entre classes: é aos servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção (BOURDIEU, 1989, p. 12).

E mais: não só as ações são definidas a partir dos esquemas generativos, mas a escolha e introdução de um indivíduo dentro de determinado campo também têm a ver com esses esquemas. Ou seja, a escolha e o desempenho em um campo estão relacionados ao capital simbólico, capital social, capital econômico, etc., do indivíduo, e a forma como ele 'joga' com os capitais que possui.

Na universidade, o aluno que ingressa deve adquirir um novo *habitus*, é o que Bourdieu (1989) vai denominar de *habitus científico*.

O *Habitus científico* é uma regra feita homem, ou melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático, segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar, o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada (p.23).

Esta 'modalidade' requer um capital intelectual maior, um investimento na conquista dos meios que aumentem seu capital. As lutas do campo são mais específicas, exigindo do concorrente uma capacidade maior de manipulação e investimento do seu capital intelectual e simbólico – é esse movimento que determina o lugar do indivíduo dentro do campo em que se encontra. É de acordo com essa capacidade e o capital acumulado que ele será capaz de se articular com outros campos, inclusive dentro do meio acadêmico.

A Universidade, como um campo específico, influencia à sua maneira o indivíduo que nela se insere, exercendo sua coerção através de sua estrutura. A pedagogia aplicada no meio acadêmico exige do aluno uma metodologia de estudo a qual não estava acostumado na Educação Básica. Ele precisa desenvolver seu vocabulário, sua compreensão de textos complexos e ser capaz de pesquisar

novos materiais. Precisa aprender a criar estratégias para se desenvolver como profissional além de se adequar ao perfil da profissão que escolheu.

A incorporação desse *habitus* científico requer um compromisso do indivíduo com um ideal que se propôs, e que, por consequência, está na base de sua formação e reflete, nesse ínterim, o complexo de campos nos quais transita.

3. Da universidade para a escola de Ensino Médio

Ao ingressar como professores nas escolas de Ensino Médio, a grande preocupação é o que ensinar e como ensinar. Antes de ser professor, o indivíduo esteve submetido a um *habitus* específico dos campos em que esteve inserido, ao ingressar no meio acadêmico sofreu as influências do novo campo, adquiriu um novo *habitus* que se fundiu com o anterior. Os esquemas generativos e classificatórios foram alterados.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2000), as Ciências Sociais transformam o nosso olhar, nosso ouvir e escrever, mudando nossa forma de perceber o mundo. Acontece uma ampliação de horizontes, nos tornando capazes de questionar um fato sob vários prismas. Entendo essa afirmação como se dentro da mente se construísse um caleidoscópio, em movimento contínuo, questionando a realidade a cada nova captação dos sentidos. Cada informação é associada a uma imagem e a outra informação, e assim sucessivamente.

Segundo Oliveira (2000), “o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (p.19). Ao adentrar uma sala de aula, o cientista social pode enxergá-la como um antropólogo ao entrar em uma maloca, numa aldeia indígena. Todo professor deve se dar ao trabalho de observar seus alunos, e, ao cientista social cabe olhá-los com seu olhar treinado. Esse olhar que modifica o objeto extraindo dele uma interpretação.

A fim de reforçar esse olhar, está o ouvir, igualmente treinado. “Contudo, para isso, há de se saber ouvir” (OLIVEIRA, 2000, p.22). Desse ponto, gostaria de destacar dois aspectos tratados pelo autor. Em sala de aula, o cientista social é um professor, portanto, está uma posição de autoridade em relação ao aluno². Ele observa que essa situação impede que haja uma relação dialógica, que implica uma relação de iguais (pesquisador/interlocutor).

² Na área da educação não sei como está sendo tratado esse assunto da autoridade, haja vista as crises pelas quais têm passado o sistema de ensino, inclusive o papel do professor em sala de aula – tenho em mente a questão da violência dentro das escolas. Conheci casos de colegas que foram ameaçados em sala, e passei por uma experiência dessas quando fui professora no Ensino Médio.

No nosso caso da sala de aula, a autoridade do professor faz calar as necessidades do aluno, esse mutismo impede que o professor atinja a consciência do educando³ e faça com que os conteúdos fluam e a sua aula seja prazerosa e fecunda para a turma. Apenas essa situação de uma relação dialógica é que pode proporcionar a fusão de horizontes. Assim, “O ouvir ganha em qualidade e altera a relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação” (idem, p.24).

E o escrever, aonde entra em tudo isso? Como resultado do olhar e do ouvir, o escrever, nesse caso, é a interação entre o professor e o educando. Como? Essa etapa da pesquisa, segundo Oliveira (2000) realiza uma interpretação da cultura nativa, o que é mais do que uma tradução. Ou seja, quando o cientista social/professor traz seu material etnográfico colhido em sala de aula e põe os dados à sua frente, sua reflexão lhe fornece mais instrumentos e refina os que já possui para novamente tornar ao campo. Assim a interação é sua intervenção na realidade, no campo. Pois, de fato, o trabalho de textualização da pesquisa é uma intervenção (é nossa interpretação) naquela realidade pesquisada. O que, a meu entender, equivale à sua afirmação:

Não obstante, sendo o ato de escrever um ato igualmente cognitivo, esse ato tende a ser repetido quantas vezes for necessário; portanto, ele é escrito e reescrito repetidamente, não apenas para aperfeiçoar o texto do ponto de vista formal, quanto para melhorar a veracidade das descrições e da narrativa, aprofundar a análise e consolidar argumentos (OLIVEIRA, 2000, p.32).

O texto do professor Roberto Cardoso de Oliveira (2000) é extremamente útil para pensar a atuação do cientista social/professor em sala. Sarandy (2004) utiliza esse texto do antropólogo para pensar o método e os conteúdos, com a intenção de endossar o argumento sobre a necessidade do ensino de sociologia no ensino médio, tomando como base o que reza a LDB nº 9.394/96, no artigo 36, que “ao final do Ensino Médio o educando demonstre (...) domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Segundo o autor, a Sociologia é importante para a domesticação do olhar, ou seja, o educando deverá desenvolver uma ‘apercepção sociológica’ do mundo em que vive.

Segundo Sarandy (2004), essa ‘domesticação do olhar’ está relacionada a uma visão seletiva da realidade, ‘disciplinarmente aprendida’ no contexto acadêmico. O que só reforça a relação que fazemos aqui com o conceito de *habitus científico* de que fala Bourdieu (2004). Entretanto, o próprio Sarandy admite que a Sociologia no Ensino Médio é muito limitada. Não podemos perder tempo ensinando conceitos, não treinaremos sociólogos. Então, o que fazer? Eis sua sugestão:

³ Estou usando essa expressão “consciência do educando” em referência à idéia da “formação de um cidadão crítico”, proposta pela LDB nº 9.394/96.

Talvez esteja aí a grandeza do estudo e ensino da Sociologia: rasgar os véus das representações sociais e compreendê-las sob uma nova ótica, elas próprias como produto sociais (SARANDY, 2004, p.127).

É uma tentativa de ensinar os alunos a compreenderem sua “realidade pela descoberta inusitada de aspectos e relações insuspeitas” (id., p.127). Ou seja, assim como a química ensina aos alunos a fórmula da água, a física ensina os segredos do movimento e da termodinâmica, a sociologia, por seu turno, ensinaria aos alunos que a família que eles conhecem hoje, passou por várias mudanças. Mais: a Sociologia pode fazê-los pensar suas próprias atitudes, no que elas têm de coletivo e individual.

Efetivamente, a formação em Ciências Sociais habilita para a licenciatura e para o bacharelado. Entretanto, devemos convir que em ambas as modalidades, todos realizam atividades de pesquisa. Como se diz na academia: não há ensino sem pesquisa. Sarandy (2004) critica que as licenciaturas têm poucas disciplinas de didática e que só aparecem nos finais dos currículos apenas como obrigatoriedade. Segundo ele, isso seria um grande problema na formação de professores de sociologia para o ensino médio.

Um cientista social com sua formação, mesmo que em maior carga voltada para pesquisa, pode fazer, e muito bem, o seu trabalho. A atuação de um cientista social como professor nunca é apenas voltada para a didática aplicada em sala de aula. Essa mesma é para ele um campo de pesquisa e é assim que ele deve encará-la. Deve ficar sempre entre a pesquisa e a intervenção. Não vejo outra maneira para que os conhecimentos de sociologia sejam aplicados de maneira adequada e eficiente no Ensino Médio.

O *habitus científico* incorporado pelo profissional das Ciências Sociais, inicialmente aparece como um problema, por cavar um abismo entre ele e o estudante do ensino médio, tanto na visão, compreensão e mesmo vivência da sociedade. Entretanto, esse mesmo *habitus* é a única ferramenta que o cientista tem para atuar de forma eficaz como professor. É o seu *olhar* e *ouvir* treinados pela sociologia que vão indicar o conteúdo, a melhor maneira e o momento oportunos, oferecer um diagnóstico da turma e os resultados do seu trabalho. Evidentemente, não quero contestar aqui a eficácia dos trabalhos dos professores de outras áreas. Apenas estou apontando a particularidade que é o ensino de Sociologia.

Um exemplo é a questão do vocabulário. O abismo entre o aluno de ensino médio e o professor de sociologia aparece dentro da sala de aula com essa roupagem. Foi uma das coisas que

observei em minha experiência – precisava repetir a explicação, dando o significado das palavras que eles não conheciam. O meu entender desse assunto, passa pela afirmação de Gomes (2007):

há que se ter cuidado para evitar que, em nome da tradução/adequação de linguagem para o público jovem do ensino médio, não facilitemos demais a ponto de matarmos o sentido de vencer obstáculos que é inerente a todo processo de construção de conhecimento (p.482).

Há de se convir que um profissional com outra formação é minimamente indicado para ministrar aulas de sociologia, até para o ensino médio. O que é muito comum nas escolas públicas. Existem professores com formação em filosofia, história, geografia e até matemática e tecnologia da construção civil, dando aulas de sociologia⁴.

Ter afinidade pessoal com a disciplina não o faz apto para atuar como professor. A mesma coisa se pode observar em professores com formação em ciências sociais que são obrigados a dar aulas de história, filosofia, geografia e até matemática. Está claro que essa prática tão comum mesmo com professores concursados, nada tem a ver com interdisciplinaridade, transdisciplinaridade ou o que quer que seja.

É preciso ter formação em Ciências Sociais para ser capaz de atuar como professor de Sociologia no Ensino Médio. Só um professor ciente dos conhecimentos e metodologias desenvolvidos por sua disciplina é capaz de selecionar e acionar autores, teorias e temas de uma maneira adequada, sem distorcer conceitos⁵. Em minha curta atuação como professora de sociologia no Ensino Médio, tive uma experiência desagradável ao entrar em sala de aula e me informar com os alunos como era a metodologia do antigo professor⁶. Ele levava um tema em moda (gravidez na adolescência, violência, etc.), dividia a turma em dois grupos e os alunos iniciavam um debate com suas próprias idéias sobre o tema levantado pelo professor. Quando citei os nomes de Durkheim e Weber ninguém sabia quem eram. É uma didática interessante, mas deve ser acompanhada do conteúdo adequado, para que possa dar aos alunos a orientação correta. Um exemplo que não deve ser ignorado.

4. Bibliografia

⁴ Este último foi uma observação minha, num relatório de estágio na época que fiz licenciatura em ciências sociais, em 2004, em Sobral-Ce.

⁵ Mesmo assim ainda acontecem os desvios, por aqueles que se 'encantam' com uma teoria e a aplicam distorcidamente para tudo.

⁶ A formação desse professor era em Estudos Sociais, como tomei conhecimento posteriormente.

BOURDIEU, Pierre. "Uma ciência que perturba". *In: Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 16 – 29.

_____ *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____ *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Notas críticas sobre as Orientações Curriculares Nacionais (OCN's) para o Ensino Médio. *Dossiê sobre o ensino de Sociologia no Brasil - CRONOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. V.8, n.2 (jul./dez. 2007) – Natal (RN): EDUFRN, 2007.

MORAES, Amaury Cesar. O que devemos aprender para ensinar Ciências Sociais? *Dossiê sobre o ensino de Sociologia no Brasil - CRONOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. V.8, n.2 (jul./dez. 2007) – Natal (RN): EDUFRN, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In: O trabalho do antropólogo*. 2ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

ORTIZ, Renato. "A procura de uma sociologia da prática". *In: BOURDIEU, Pierre. Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-36 (Col. Os Grandes Cientistas Sociais).

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio. *IN: CARVALHO, Lejeune M. G. (org). Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no Ensino Médio*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.